



## **ROMPENDO AS ESTATÍSTICAS: O ENVELHECIMENTO A PARTIR DA VISÃO DE MULHERES TRANS JOVENS**

### **BREAKING THE STATISTICS: AGING FROM THE VIEW OF YOUNG TRANS WOMEN**

### **ROMPIENDO LAS ESTADÍSTICAS: EL ENVEJECIMIENTO DESDE EL PUNTO DE VISTA DE LAS JÓVENES TRANS**

Lucas Alves Caetano<sup>53</sup>

Adriane Geralda Alves do Nascimento Cézar<sup>54</sup>

Mayllon Lyggon de Sousa Oliveira<sup>55</sup>

#### **Resumo**

Este trabalho traz uma análise de como o envelhecimento é visto por três mulheres trans jovens. Objetiva-se compreender esse processo para suas vidas, considerando que o Brasil, de acordo com dados da Agência Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA), é o país que mais mata pessoas trans no mundo. A expectativa de vida das mulheres trans no país é de 35 anos. O trabalho faz um estudo bibliográfico sobre os conceitos de identidade e diferença a partir dos estudos culturais britânicos, e sobre sexo, gênero e sexualidade a partir das teorias feministas. Metodologicamente, a pesquisa tem abordagem qualitativa, exploratória e se utiliza da entrevista em profundidade, por meio de um questionário semiestruturado. As entrevistadas, jovens trans entre 20 e 25 anos foram selecionadas a partir de contatos efetivados durante a Caminhada Trans, realizada em setembro de 2022, em Goiânia. Como resultado, essas mulheres trans veem a velhice, antes de tudo, como um objetivo, dado a expectativa de vida do grupo, elas também a percebem como uma incerteza, por reconhecerem as violências físicas e simbólicas impostas à essa população.

---

<sup>53</sup> Graduado em Relações Públicas pela UFG, [lucasalvescaetano08@hotmail.com](mailto:lucasalvescaetano08@hotmail.com), Goiânia, Brasil.

<sup>54</sup> Doutora em Sociologia pela UFG, Professora Adjunta do curso de Relações Públicas na UFG, [adrianenascimento@ufg.br](mailto:adrianenascimento@ufg.br), Goiânia, Brasil.

<sup>55</sup> Doutor em Comunicação pela UFG, [mayllon.lyggon@gmail.com](mailto:mayllon.lyggon@gmail.com), Goiânia, Brasil.



**Palavras-chave:** Envelhecimento; Transexualidade; Gênero; Identidade; Corpo.

## Abstract

This paper brings an analysis of how aging is seen by three young trans women. It aims to understand this process for their lives, considering that Brazil, according to data from the National Agency of Transvestites and Transsexuals of Brazil (ANTRA), is the country that kills the most trans people in the world. The life expectancy of trans women in the country is 35 years. The paper makes a bibliographic study about the concepts of identity and difference from British cultural studies, and about sex, gender and sexuality from feminist theories. Methodologically, the research has a qualitative, exploratory approach and uses in-depth interviews, through a semi-structured questionnaire. The interviewees, young trans women between 20 and 25 years old, were selected from contacts made during the Trans Walk, held in September 2022, in Goiânia. As a result, these trans women see old age, first of all, as a goal, given the life expectancy of the group, they also perceive it as an uncertainty, for recognizing the physical and symbolic violence imposed on this population.

**Keywords:** Aging; Transsexuality; Gender; Identity; Body.

## Resumen

Este trabajo trae un análisis de cómo el envejecimiento es visto por tres jóvenes mujeres trans. Pretende comprender este proceso para sus vidas, teniendo en cuenta que Brasil, según datos de la Agencia Nacional de Travestis y Transexuales de Brasil (ANTRA), es el país que más personas trans mata en el mundo. La expectativa de vida de las mujeres trans en el país es de 35 años. El trabajo hace un estudio bibliográfico sobre los conceptos de identidad y diferencia a partir de los estudios culturales británicos, y sobre sexo, género y sexualidad a partir de las teorías feministas. Metodológicamente, la investigación tiene un enfoque cualitativo, exploratorio y utiliza entrevistas en profundidad a través de un cuestionario semi-estructurado. As entrevistadas, jovens trans entre 20 e 25 anos, foram selecionadas a partir de contactos realizados durante a Marcha Trans, realizada em Setembro de 2022, em Goiânia. Como resultado, estas mulheres trans ven la vejez, en primer lugar, como una meta, dada la expectativa de vida del grupo,



también la perciben como una incertidumbre, por reconocer la violencia física y simbólica impuesta a esta población.

**Palabras clave:** Envejecimiento; Transexualidad; Género; Identidad; Cuerpo.

## Introdução

A sociedade ainda tem um forte discurso preconceituoso em torno das mulheres trans<sup>56</sup>. Esses corpos políticos servem como resistência a diversas adversidades que acontecem diariamente. A sobrevivência desse grupo é colocada em risco apenas pela sua sexualidade. Gayle Rubin (2003) aponta que há uma hierarquia dos gêneros social a depender das configurações corporais. Para a autora, há quatro camadas: no topo, os homens heterossexuais; seguidos pelas mulheres heterossexuais; na terceira camada os homens gays e mulheres lésbicas e, por fim, na base da pirâmide as mulheres trans, frequentemente discriminadas e desvalorizadas dentro e fora da comunidade LGBTQIAP+.

Além da perspectiva de gênero, na nossa sociedade ainda existe uma hierarquização baseada na idade e no envelhecimento, considerado como “uma circunstância que acomete a todos os indivíduos vivos, mesmo que em cadências diferentes” (LIMA, 2019, p. 42). As cadências diferentes do envelhecimento são, naturalmente, atravessadas por dimensões físicas e simbólicas como a cor, o gênero e classe social, para mencionar alguns exemplos.

Já há no ocidente uma marginalização do corpo envelhecido, para essa sociedade o corpo envelhecido é visto como um problema da ordem da saúde pública, dos custos com previdência, da utilidade econômica, por exemplo. Ao relacionarmos a

---

<sup>56</sup> O uso do termo trans se dá pelo fato de que este trabalho tem o objetivo de compreender o envelhecimento deste grupo, tratando com uma maior unicidade as denominações também comumente utilizadas, como transgêneros ou travestis.



dimensão do gênero, no caso das mulheres trans, percebe-se que seu caminho para a velhice encontra diversos obstáculos que as fazem questionar seu futuro, e isso é determinante em nosso país, principalmente ao pensarmos que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo, de acordo com reportagem do site Brasil de Fato (MELITO, 2022).

Além disso, de acordo com dados da UFMG<sup>57</sup>, a expectativa de vida para uma pessoa trans é de 35 anos. A ANTRA (Agência Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil) publica anualmente um dossiê no qual dispõe os dados referentes ao ano anterior quanto às taxas de mortes de pessoas trans no Brasil. No último dossiê<sup>58</sup>, publicado em 2023 com dados de 2022, torna-se visível o quanto a violência para com pessoas trans é um fato tão presente no Brasil. Segundo a Agência, em 2022 foram 131 assassinatos de pessoas trans no país, acima da média dos assassinatos ocorridos entre 2008 e 2021.

Se por um lado os dados revelam que o Brasil é o país que mais assassina pessoas trans no mundo, por outro lado há uma ausência de políticas públicas que garantam a segurança efetiva dessa população. Só em 2019 é que o Supremo Tribunal Federal brasileiro decidiu pela criminalização da homofobia e da transfobia com a aplicação da lei do racismo (Lei 7.716/1989)<sup>59</sup> e só em 2023 o Supremo Tribunal de Justiça estendeu a Lei Maria da Penha (criada para proteger as mulheres da violência) às

---

<sup>57</sup> Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/desafios-para-longevidade-trans-sao-tema-de-reportagem-especial>. Acesso em: 18 nov. 2022.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://ibdfam.org.br/noticias/8580/Criminaliza%C3%A7%C3%A3o+da+homotransfobia+pelo+STF+com+pleta+dois+anos>. Acesso 27 de março de 2022.



mulheres trans<sup>60</sup>. Esses dois casos apontam para a ausência de leis e políticas de proteção que sejam específicas à essa comunidade.

Outro dado importante divulgado pelo dossiê está ligado à questão de gênero. De acordo com o dossiê, em 2021, 130 mulheres trans foram assassinadas e 1 homem trans foi vítima de assassinato (ANTRA, 2023). E, ainda de acordo com o ANTRA (2023), os casos de assassinato de homens trans entre 2017 e 2022 representam 2,5% do número de assassinatos contra pessoas trans no Brasil, já mulheres trans e travestis somam 889 casos, totalizando cerca de 97,5% dos casos.

Segundo o dossiê, em 2022, o maior número de casos de pessoas trans assassinadas ocorre na faixa etária de 18 a 29 anos (consideradas jovens). No período de 2017 a 2022, a média de assassinatos na faixa etária entre 13 anos e 35 anos (a idade que representa a expectativa de vida desse grupo) foi de 80%. A partir destes dados, o presente trabalho tem como objeto de pesquisa as mulheres trans, pensando em como a violência contra esse grupo é maior. Esses dados refletem uma série de práticas existentes na nossa sociedade que acabam ocasionando tais atos violentos. A impossibilidade do envelhecimento de mulheres trans acontece também pela falta de um aparato jurídico que seja capaz de garantir segurança e protegê-las de forma específica, além da falta de condições de trabalho e estudo.

A partir disso, esta pesquisa tem como principal objetivo compreender a visão de jovens mulheres trans sobre o envelhecimento a partir das suas identificações corporais, e qual a importância desse processo para suas vidas. Para isso, levamos em consideração pessoas jovens, aquelas que a Constituição Federal define no Estatuto da Juventude, no Art. 1º § 1º da Lei 12.852 (BRASIL, 2013), pessoas entre quinze e vinte e nove anos de idade.

---

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/2023/29012023-Sexta-Turma-estendeu-protecao-da-Lei-Maria-da-Penha-para-mulheres-trans.aspx>. Acesso em 27 de março de 2022.



A princípio, foi necessário realizar um levantamento bibliográfico que pudesse servir como base para os conceitos que são trabalhados nesta pesquisa. Como base para a construção teórica, utilizou-se os conceitos de identidade e diferença (HALL, 1996; 1997; 2006; 2008; SILVA, 2000); de sexo, gênero e sexualidade (BUTLER, 2003; BENTO, 2012; FOUCAULT, 1999; PISCITELLI, 2009; SCOTT, 1990); de teoria sobre o corpo, (LE BRETON, 2009; VILLAÇA, 2019); dos aspectos importantes para trabalhar o envelhecimento (CÉZAR, 2018; LIMA, 2019; HENNING, 2017; LEITE JUNIOR, 2017).

Quanto à metodologia, essa pesquisa tem uma abordagem qualitativa que, segundo Duarte (2006, p. 17), consiste em um “conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” Enquanto técnica de coleta e utiliza-se a entrevista em profundidade, a partir de um roteiro semi-estruturado com o objetivo conduzir a realização das entrevistas, oportunizando também para as entrevistadas se expressarem a partir de suas vivências de uma maneira mais espontânea. O roteiro possui perguntas que “têm origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do problema” (DUARTE, 2006, p. 66).

A seleção das entrevistadas dependeu exclusivamente de um perfil pré-estabelecido, com idades entre 15 e 29 anos, faixa etária considerada pela Constituição Federal como jovens, e que fossem mulheres trans. As três<sup>61</sup> foram selecionadas através de contatos realizados na Caminhada Trans de Goiânia, ocorrida no dia 03 de setembro de 2022.

Ariel, com 23 anos, trabalha e é estudante de engenharia florestal, porém está com a faculdade trancada. Nascida em Goiânia, mora com a mãe. Atualmente também faz um curso de comissária de bordo. Iara, também com 23 anos, mora com a mãe. Nascida no estado do Tocantins, mudou-se para Goiânia com a família aos 8 anos de

---

<sup>61</sup> Para essa pesquisa não consideramos os nomes sociais das entrevistadas, eles foram substituídos por nomes fictícios: Ariel (23 anos), Iara (23 anos) e Nereida (25 anos). Esses nomes foram selecionados a partir de nomes conhecidos em literaturas mitológicas sobre sereias.



idade. Nereida, com 25 anos, nascida e residente de Goiânia, está concluindo o curso de jornalismo, e faz uma graduação Relações Internacionais em paralelo.

As entrevistas foram realizadas online, a critério das entrevistadas, através do Zoom, uma plataforma de reuniões que permitia a gravação das entrevistas. Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas e analisadas a partir do referencial teórico construído, sendo assim, possível trabalhar a visão das jovens trans sobre o envelhecimento.

Para a análise das falas das entrevistadas, utilizou-se a análise do discurso. A perspectiva é a de que,

não se focaliza o indivíduo falante, compreendido como um sujeito empírico, ou seja, como alguém que tem uma existência individualizada no mundo. Importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferentes vozes (FERNANDES, 2008, p. 7).

O primeiro tópico versa sobre os conceitos de identidade, diferença, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais britânicos, apontando-as como partes complementares estruturadas a partir da linguagem e com capacidade de determinar sentidos culturais. Já no segundo tópico, conceitua-se conceituar sexo, gênero e sexualidade, discutindo como os corpos se constituem, se percebem e são percebidos a partir desse “dispositivo histórico” e das lógicas essencializantes que, por vezes, são utilizadas para hierarquizar e segregar pessoas. Discute-se também as relações e intersecções entre o gênero e o envelhecimento, pontuando as diferenças que os discursos entre a juventude e a velhice. A partir disso, torna-se imprescindível trazer à tona a discussão do corpo social, e dissertar também sobre como os discursos condicionam o gênero a diferentes formas de envelhecimento.



Por fim, traz-se o envelhecimento a partir da perspectiva das mulheres trans, e como essa condição é decisiva na maneira como elas conduzem as suas vidas. Discute-se também a ausência de perspectiva de envelhecimento dessas pessoas – que tem média de vida de 35 anos no Brasil. Assim, ouvir a visão destas mulheres evidencia os seus espaços e amplifica suas vozes para realmente conseguirem visibilidade para o grande problema que é a transfobia, que mata diariamente pessoas trans no Brasil, bem como a ausência de leis e políticas públicas específicas para a proteção dessa população.

### **Duas faces da mesma moeda: A identidade e a diferença**

Não é recente que autores e autoras das mais variadas áreas se debruçam para escrever e conceituar aquilo que somos. Um dos frutos desse processo, é o conceito de identidade. Que se propõe a apontar o que somos, como somos e porque nos tornamos assim. Tomaz Tadeu Silva (2000) aponta que a identidade atua como uma afirmação, que ocorre a partir da linguagem. A afirmações também carrega uma série de negações, chamadas de diferença e uma depende diretamente da outra para existir. O autor ainda diz que essas identidades e diferenças são criações culturais e sociais, e também são responsáveis por posicionar o sujeito no corpo social.

Stuart Hall (2008), considera os conceitos de identidade e diferença sob “rasura”<sup>62</sup>. Segundo o autor, eles não são-suficientes para pensar o sujeito em si. Estes conceitos acabam sendo fixos, inflexíveis, e deixam de representar aspectos de mudança que ocorrem com a pessoa com o passar da vida.

Pensando nas mudanças, convivências e experiências que uma pessoa passa durante sua vida, e pensando que os conceitos estáticos de identidade não são suficientes para falar sobre uma pessoa, Stuart Hall (2006) propõe o conceito de identificação.

---

<sup>62</sup> Stuart Hall (2008) define em seus trabalhos que alguns conceitos, estão sob “rasura”, ou seja, não são suficientes para pensar certos pontos. Assim, um conceito sob rasura deve ser utilizado apenas como “um conceito estratégico e posicional” (HALL, 2008, p. 108).



Na perspectiva do autor não possuímos uma identidade fixa, na qual nascemos com afirmações e estas não seriam alteradas de acordo com nossas vivências e experiências. Para Hall (2008, p.112), com a identificação, as identidades tornam-se “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”, ou seja, elas mudam, e as pessoas por processos sociais e culturais que acabam moldando aspectos do ser. Assim, a identificação seria um processo em andamento, em construção.

Villaça (2019, p. 79) indica que a “identidade torna-se ‘uma celebração móvel’, que se transforma em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”, ou seja, através da cultura, somos capazes de nos identificar e sermos identificados, porém através de uma identidade que não é fixa, mas sim “móvel”, e sofre mudanças de acordo com o sistema social em que estamos inseridos. Na perspectiva de Silva (2000), a identidade – por se constituir na linguagem – traz também uma ideia do que vamos nos tornar, isto é, há uma instância de movimento e transformação.

É importante ressaltar que, para esses autores, a noção de movimento está ligada às transformações que corpo social pode provocar nas pessoas. O espaço de vida, as relações sociais, as características, as regras e normas, os desejos, os comportamentos, as instituições, entre outros, interferem na maneira como as pessoas reconhecem a si e aos outros.

A depender dessas características o lugar ocupado pelas pessoas no corpo social vai ser mais central ou marginal, isso porque, para Silva (2000) a existência de uma identidade padrão define um modelo identitário que precisa ser seguido, e, caso a pessoa não siga esse modelo, ela será posicionada à margem. Estão à margem, por exemplo, as pessoas envelhecidas, a comunidade LGBTQIAP+, as pessoas pretas, as pessoas gordas, entre outras. O autor também destaca que o centro valida a margem, assim como a margem valida o centro (SILVA, 2000). E isso parte de um aspecto



cultural também, afinal, a cultura atravessa todos esses processos através de costumes que foram perpetuados.

Ao pensar na cultura, é importante refletir o aspecto linguístico que sustentam as construções identitárias. Os corpos são posicionados e se posicionam, principalmente ao proferir discursos. Por isso, temos o que Hall (1997, p. 28) cita como sendo um “sistema de significação”, um sistema que classifica, dá sentido e distingue as coisas através da linguagem. A partir desses sistemas de significação e da linguagem, um ponto importante a ser discutido é o que torna a cultura tão definidora do que são as identidades (e as diferenças).

Nesse processo de construção de identificações e da maneira como certas pessoas e grupos são marginalizadas a partir e através da linguagem, é importante levantar a discussão sobre o que John B. Thompson chama de *self*. O autor define esse termo como sendo, “um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente. É um projeto que o indivíduo constrói com os materiais simbólicos que lhe são disponíveis, materiais com que ele vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade” (THOMPSON, 1998, p. 183).

Assim, através da linguagem e do processo de identificação, é possível a pessoa conseguir escrever a própria narrativa. O *self*, nesse caso, trata-se de uma construção identitária, que transita entre as histórias que contamos e aonde queremos chegar. Os materiais simbólicos que o autor trabalha são responsáveis pela formação dos elementos do nosso processo de identificação que são distribuídos de forma desigual na sociedade (THOMPSON, 1998).

A partir desta reflexão, é importante pensar em como as pessoas são posicionadas e se posicionam a partir desses discursos na sociedade. Pessoas envelhecidas são marginalizadas a partir de discursos que acabam trazendo à tona questões de saúde e de juventude, fazendo com que essas pessoas sejam posicionadas em lugares à margem do que é considerado padrão na sociedade. Em termos práticos,



[...] a velhice consiste em uma série de enunciados que estabelecem a maneira como este segmento da população deve se comportar, nos levando a crer que os discursos médicos, estéticos e midiáticos, em geral, impõem discursivamente práticas sociais de como as pessoas devem viver. Assim, o processo de envelhecimento pode variar de acordo com a cultura, o local e a época em questão (LIMA, 2019, p. 44).

Nesse caso, a velhice é mais do que um marcador de idade, mas um conjunto de características, práticas, comportamentos, enunciados e regras que determinam o que as pessoas podem e/ou devem fazer. A velhice aqui é também a marcação da diferença entre os jovens e os velhos. Essa diferença, própria do processo identitário, se alia ainda com as questões de gênero, determinando as posições que essas pessoas podem e devem ocupar na hierarquia social.

## **Sexo, gênero e sexualidade**

Ao falar sobre as mulheres trans, é importante passar por um caminho teórico que transite sobre o processo de construção identitária dessas pessoas, a partir do corpo biológico, passando pelo gênero e, mesmo que não seja o foco principal desta pesquisa, a sexualidade.

Durante muitos séculos, o sexo foi colocado apenas como um dado biológico, ou seja, um aspecto essencializante do corpo. Isso instaurou o modelo de significação social, conhecido como binarismo, no qual as marcações “macho e fêmea” são as únicas possíveis para categorizar as pessoas. Logo, corpos que não seguissem esse sistema seriam considerados dissidentes, e seriam inferiorizados. Além disso, esse binarismo também foi responsável pela definição de papéis sociais, alguns dos quais perduram até hoje. Isso significa que por conta da definição do sexo, a conduta da



pessoa acabaria sendo determinada pelos discursos em torno da diferença sexual, ou seja, a performatividade que aquela pessoa pode ter. Em outras palavras,

atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado. (BUTLER, 2003, p. 194).

Até meados do século XVII, o sentido sexual era baseado no isomorfismo, a mulher apenas como um corpo masculino sub-desenvolvido, para o isomorfismo, cuja genitália não era suficiente “para posicionar os sujeitos na ordem social” (BENTO, 2012, p. 28). Com o passar do tempo, esses aspectos biológicos foram tornando-se politicamente importantes para determinar o que é ser homem ou mulher. E, os discursos que surgem a partir dessa diferenciação produzida por discursos científicos, dão suporte ao julgamento das condutas de cada um, seja homem ou mulher (BENTO, 2012).

É importante também o que Beauvoir (1970) chama de “o segundo sexo”, que é a categoria mulher. O corpo das mulheres foi (e, de certa forma, ainda é) colocado em um papel apenas reprodutivo, fazendo com que elas fossem prisioneiras da biologia (PISCITELLI, 2002), e, assim, foram colocadas em um sistema de dependência do homem. “A categoria ‘mulher’ é pensada como incluindo traços biológicos e, também, aspectos socialmente construídos” (PISCITELLI, 2002, p. 5), ou seja, a partir de traços biológicos, discursos foram disseminados nos grupos sociais, fazendo com que as mulheres fossem submetidas a um sistema social em que elas



seriam inferiores aos homens. E, como discutido anteriormente, o discurso em torno das diferenças sexuais acabam dando significado para as relações de poder da sociedade, inferiorizando as mulheres, e colocando-as em um lugar de submissão ao homem. Hierarquizando as posições que podem ser ocupadas a partir do sistema sexo/gênero (RUBIN, 2003).

O gênero, de acordo com Butler, é apenas “a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica), tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (BUTLER, 2003, p. 25), pois o mesmo sistema de significação que vem a traduzir o gênero para a identificação de cada pessoa, também traz significação para o sexo. Significa dizer que, tanto o sexo, quanto o gênero, fazem parte de um mesmo sistema de significação (BUTLER, 2003; RUBIN, 2003). E as práticas deles decorrentes, são cotidianamente reiteradas, de forma que pareçam naturais e, parecendo naturais, essencializa as pessoas com base nas suas configurações corporais.

Questionou-se as candidatas sobre o que seria gênero. Ariel aponta-o como uma “construção social”. A entrevista chega a mencionar autoras como a Judith Butler e a Simone de Beauvoir para reiterar a possibilidade do gênero enquanto uma construção. Ariel cita a clássica frase de Beauvoir de que “não se nasce mulher, torna-se” para reiterar a sua crença de que o gênero é social. Para ela,

Mas o gênero com o qual a gente vai se identificar é um processo que ele é construído a partir do momento que a gente cresce e vai tendo trocas de vivências na nossa vida. Mas é muito válido eu salientar aqui que, não é porque eu acredito que isso é uma construção social, que para mim gênero é escolha, que você acorda num dia e fala assim: nossa, decidi ser uma menina ou decidi ser um menino. Eu acredito que você se identifica com o gênero que está ali na sociedade, sendo imposto para você ou várias vezes não sendo, como é o caso de pessoas trans, porque a gente não está sendo imposta



sobre o gênero com a qual a sociedade decidiu que a gente deve aceitar, se identificando com o oposto. Então, acredito que é isso que é uma construção social que a gente vai se identificando e construindo isso ao longo da vida. (ARIEL, 23 anos).

Ariel reitera que embora social, não é uma escolha ser do gênero masculino ou feminino, mas recupera como os comportamentos sociais das pessoas são determinadas a partir dessas categorias, como produtos da sociedade e como produtoras de pessoas, identidades, comportamentos, desejos.

Já Iara relata que: “Seria o que você sente sobre você mesmo, principalmente essa questão de binarismo, né? E se você se considera uma pessoa masculina ou feminina? Eu acho que a gente transita entre essas coisas” (IARA, 23 anos). Na perspectiva de Iara, a resposta não aparece de pronto, ao invés disso ela levanta outras questões, apontando para a fixidez dessas categorias identitárias e como elas atuam na maneira como as pessoas se reconhecem e podem se reconhecer. E como a identidade e a diferença são interdependentes cria-se ainda uma hierarquização baseada na diferença.

Essa diferenciação também se torna reguladora e definidora de papéis sociais, principalmente se pensarmos que “o gênero se preocupa com a consolidação de um discurso que constrói uma identidade do feminino e do masculino que encarcera homens e mulheres em seus limites, aos quais a história deve libertar” (TORRÃO, 2005, p. 136). E esse discurso é o que traz a dominação masculina, colocando as mulheres em papéis subalternos ao do homem, e isso pensando apenas nos aspectos biológicos, principalmente ao levarem em conta o processo reprodutivo, o que instaura uma dependência das mulheres aos homens, e as aprisionam ao determinismo biológico (PISCITELLI, 2002, p. 11).

Ao se referir sobre as relações de poder no contexto dos gêneros masculinos e femininos, Piscitelli (2009, p. 119) aponta ainda que “quando as distribuições



desiguais de poder entre homens e mulheres são vistas como resultado das diferenças, tidas como naturais, que se atribuem a uns e outras, essas desigualdades também são ‘naturalizadas’” (2009, p. 119). Assim, como a diferença é tida como natural, a desigualdade entre os papéis do homem e da mulher também é naturalizada. E se materializa nos mais diversos campos da vida cotidiana, como o trabalho e salário, o cuidado com a família e as atividades domésticas, o consumo de determinados produtos, entre outros

As normas de gênero elas atuam como um “motor social” (FAUSTO-STERLING, 2002, p. 26). A partir das relações de poder, elas têm como intuito manter as divisões de gênero e, para isso, é preciso controlar esses corpos “que são tão refratários que chegam a apagar as fronteiras” (FAUSTO-STERLING, 2002, p. 27). Nesse ponto que as mulheres trans se localizam. Ao romper com a determinação biológica do sexo “natural”, se reconhecer e se comportar como alguém do gênero oposto ao sexo, elas borram a fronteiras entre o masculino e o feminino. Sua performatividade ao mesmo tempo que reitera uma identidade de gênero – nesse caso feminina e oposta à determinação da genitália – também denuncia que o sexo não é natural, mas construído socialmente por meio de relações de poder (BUTLER, 2003).

De acordo com Torrão (2005), o gênero acentua os aspectos biológicos do corpo, ele dá significado para as distinções existentes entre o sexo. Ao mesmo tempo, as relações de gênero colocam o masculino e o feminino como termos opostos, “ainda que complementares: eles podem conviver um com o outro, mas nunca um no outro” (TORRÃO, 2005, p. 143-144). Para Bento (2012, p. 45), “há uma amarração, uma costura, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação”, e assim, tudo aquilo que foge dessa relação, é marginalizado, considerado como “identidades transtornadas, anormais, psicóticas, aberrações da natureza, coisas esquisitas”. Dessa feira, a verdade por trás do gênero não se encontra no corpo em si, mas nas diversas possibilidades que existem de construir novos significados para o gênero (BENTO, 2012).



O gênero compõe o dispositivo da sexualidade. Foucault a define a como um “dispositivo histórico”, que diz respeito

não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências que encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1999, p.100).

Desse ponto a sexualidade deixa de ser uma essência, uma configuração natural da pessoa para ser vista como um conjunto de discursos socialmente construídos, resultante de relações de poder, que produz as identidades, as identificações, os comportamentos, os desejos. Nesse contexto, segundo Bento (2012), heterossexualidade e a cisgeneridade não apenas como uma prática sexual ou configuração corporal, mas sim como um regime de poder.

É preciso agora recuperar um conceito citado no início deste trabalho, de identificação. Isso porque agora torna-se necessário falarmos sobre a identidade de gênero. Tanto a identidade quanto o gênero podem ser considerados resultado da vivência social, de construções sociais, e isso faz com que o ambiente seja essencial para a existência de ambos. Portanto, a identidade de gênero é a forma pela qual a pessoa é identificada no grupo social e como ela se identifica. E, a partir da linguagem, que se pode construir os corpos (FAUSTO-STERLING, 2002).

Essas questões condicionam a uma heterossexualidade compulsória<sup>63</sup> e o regime de poder da sexualidade como regulador também para as pessoas trans. Essas normas

---

<sup>63</sup> Judith Butler (2003) aponta que no dispositivo da sexualidade a configuração corporal (o sexo), determina as práticas que genericadas, as quais implicam em um desejo pelo sexo oposto. A isso que ela caracteriza como heterossexualidade compulsória. Em suma, ao nascemos somos inscritos em um código de gênero que determina compulsoriamente o nosso desejo pelo sexo oposto. A resistência, no caso das pessoas homossexuais, é condenada.



regidas por esse sistema de sexo e gênero operam a partir de binarismos homem/mulher, hétero/homo, normal/anormal, saudável/doente etc. Criando sempre diferenças entre o centro (hétero, masculino e aceitável) e as margens (homo, trans, anormal).

## Sereias do asfalto

O corpo trans é silenciado, inferiorizado, colocado às margens. Bento (2012) mostra que ser uma pessoa trans já foi considerado uma doença mental de acordo com o Cadastro Internacional de Doenças (CID), apenas em maio de 2019<sup>64</sup>, ela deixou de ser considerada uma patologia. A transexualidade existe como “uma resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social fundamentada na produção de sujeitos ‘normais/anormais’” (BENTO, 2012, p. 24-25).

Historicamente foram determinados os padrões nosso gênero e nossa sexualidade. Discursos sobre o que é ser homem e o que é ser mulher estão instaurados, e determinam o que é “normal”. Qualquer dissidência é considerada um “corpo estranho” (LOURO, 2004).

A partir dessa perspectiva, “as identidades socialmente prescritas são uma forma de disciplinamento social, de controle, de normalização” (MISKOLCI, 2012, p. 18). Tais padrões geram uma repressão sobre essas pessoas e se materializa em violência física e simbólica, isto é, a abjeção. “Abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade” (MISKOLCI, 2012,

---

<sup>64</sup> De acordo com o PEBMED, considerado o maior portal de atualizações em Medicina no Brasil, a transexualidade deixou de ser considerada uma patologia em maio de 2019, sendo considerada agora uma “incongruência de gênero”. Disponível em: <https://pebmed.com.br/transexualidade-nao-e-mais-considerada-um-transtorno-mental/#:~:text=Pela%20nova%20edi%C3%A7%C3%A3o%20da%20CID,como%20%E2%80%9Cincongru%C3%Aancia%20de%20g%C3%AAnero%E2%80%9D>. Acesso em: 20 nov. 2022.



p. 24). Isso acontece, principalmente ao pensarmos que esse grupo quebra a normatividade compulsória, a partir de como seus corpos são enxergados em nossa sociedade.

Ao questionar as entrevistadas como elas acreditam que é a imagem das pessoas trans para a sociedade, Nereida relata que: “Olha, eu acredito que a sociedade ainda vê essas pessoas de uma forma muito estereotipada, de uma forma muito marginalizada” (NEREIDA, 25 anos). Ariel vai um pouco além:

Então, eu acredito que a sociedade enxerga as pessoas trans de duas formas. A primeira delas é de uma forma muito abjeta, onde pessoas veem pessoas abjetas, anormais e de outro modo ao mesmo tempo, como pessoas que eles olham e não sabem classificá-las ou falar sobre elas, porque essas pessoas não têm informação. E eu acredito que essa falta de informação se dá, muita das vezes, pela marginalização que as pessoas trans vivem. Porque a partir do momento que você tem um grupo social de pessoas que vivem à margem da sociedade, que não estão inseridas dentro de um meio social, que não tem debate sobre essas pessoas, elas acabam caindo no esquecimento. (ARIEL, 23 anos).

Já Iara descreve essa visão de uma outra forma:

Na verdade, acho que é isso hipocrisia. Na verdade, acho que ia ser bom, cada um cuidando da sua vida, né? E tem como respeitar as decisões de cada um e consideração de cada um. Porque se você nasceu uma pessoa hétero, todo mundo vai te respeitar por aquilo, e se nascer uma mulher trans no corpo de um homem com a genitália masculina, as pessoas deveriam entender e aceitar que eu sou uma mulher, não pelo que o meu órgão transparece (IARA, 23 anos).



A partir das suas vivências as entrevistadas apontam como que a sociedade as vê. Elas sabem e reiteram a posição de marginalidade em que são colocadas, dada a dissidência de sexo/gênero que vivenciam. Há tanto uma percepção de que os corpos trans geram uma certa curiosidade, exatamente pela ausência de informações e debate sobre questões relacionadas à sexualidade para além da heteronormatividade. Ao mesmo tempo, elas indicam – e isso fica mais evidente no trecho da Iara descrito acima – que a sexualidade deveria ser pensada para além do órgão genital.

Conceitualmente, a transexualidade parte de uma condição na qual a pessoa possui uma identidade de gênero que difere de seu sexo. Para pensar nessa identidade de gênero, é preciso levar em consideração a autopercepção e a forma como nós nos expressamos ao mundo (JESUS, 2012). Isto é,

Transexuais sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem corrigir isso adequando seu corpo ao seu estado psíquico. Isso pode se dar de várias formas, desde tratamentos hormonais até procedimentos cirúrgicos (JESUS, 2012, p. 9)

Durante as entrevistas, as três entrevistadas relataram se identificarem como mulheres. Ariel, no momento da pergunta disse: “Eu me enxergo enquanto uma mulher mesmo, porque eu me identifico justamente com o gênero mulher” (ARIEL, 23 anos). Além disso, ela chega a citar que isso é uma discussão grande dentro da própria comunidade trans na diferenciação de mulher trans e travesti<sup>65</sup>. Iara já conta sua identificação a partir de acontecimentos durante a sua infância:

---

<sup>65</sup> De acordo com Jesus, travestis são “as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero” (JESUS, 2012, p. 9).



Sempre foi complicado como para qualquer uma pessoa que é afeminada dentro da escola, sempre foi. Minha mãe era sempre chamada porque eu sofria muito *bullying*. Então, minha mãe sempre era chamada para esclarecer o que acontecia ou ela sempre ia na escola para reclamar porque os professores não tomavam nenhuma atitude, porque eu sempre fui afeminada. Desde pequena tive minha mãe, e minha feminilidade era muito grande. Aí então a gente cresce assim, brigando com nós mesmos, né? E quem é religioso, acredita em alguma coisa espiritual muito forte, muito elevada. A gente briga com esse ser elevado. [...] Aí eu cresci com essa vibe. E aí, desde pequena, sempre me considerei uma mulher que, de acordo com a sociedade, eu fui retraindo. Isso pelo meu órgão, né? E pelo meu nome, é um nome morto<sup>66</sup>. eu fui retraindo o que sempre fui, que era uma mulher e aí eu cresci com isso. Me achando, achando que eu fosse um homem gay, quando na verdade eu não era, nunca fui. Eu sempre camuflava esse sentimento e essa verdade de quem eu sou. (IARA, 23 anos).

O caso de autoidentificação de Iara é ilustrativo da relação entre sexo, gênero e desejo. Ela se percebe desde criança como “afeminada”, fugindo aos padrões comportais esperados de um menino, ao mesmo tempo em que o desejo, na época homossexual, deixa outras marcas simbólicas nesse processo que é próprio de cada pessoa. Para Nereida,

Foi acontecendo muito naturalmente, sabe? Pois não foi algo que eu cheguei de um dia para o outro, e foi. Sempre foi algo que aconteceu bem naturalmente mesmo, foi aos pouquinhos. E desde minha adolescência eu sempre tive uma imagem e uma aparência muito andrógina, e eu era da igreja e tudo um

---

<sup>66</sup> Durante as entrevistas, as pesquisadas falaram sobre o termo “nome morto”, no qual diz respeito ao seu nome de batismo.



pouquinho. Eu fiquei meio que fechando os olhos para isso e foi simplesmente acontecendo. (NEREIDA, 25 anos).

Embora para Nereida a família a tenha aceitado e o processo tenha acontecido de maneira natural, essa não é a realidade de muitas mulheres trans no Brasil. Lima (2019) aponta que o primeiro espaço de violência física e simbólica para essas pessoas é na família. E na sociedade os dados são ainda mais preocupantes. De acordo com dados levantados pelo Grupo Gay da Bahia e divulgados pelo site Poder 360 (2022), somente no primeiro semestre de 2022, cerca de 58 mulheres trans e travestis foram mortas no Brasil<sup>67</sup>. Um dado que alarma a comunidade, e acaba refletindo no tema dessa pesquisa: o envelhecimento das sereias, as mulheres trans e travestis.

Assim, as sereias eram representadas por uma imagem feminina, e essas criaturas carregam essa figura desvalorizada. Essas pessoas estão tendo novas oportunidades de construir suas histórias, seus corpos e suas vidas e, por isso, é importante que o envelhecimento dessas pessoas seja colocado como pauta de discussão, afinal, muitas delas sentem o medo de envelhecer, seja por questões de trabalho ou por medo de não conseguirem sobreviver.

## **Rompendo as estatísticas: Envelhecer trans**

A velhice é intrínseca ao corpo humano, tanto em termos biológicos quanto jurídicos. As vivências, a partir dos diversos marcadores sociais, possuem e produzem diferenças. Esses marcadores – como gênero, sexo e envelhecimento – se entrecruzam e se sobrepõem. Em termos práticos, há uma interseccionalidade, isto é, a interação e a sobreposição de diferentes formas de opressão e discriminação

---

<sup>67</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-teve-135-mortes-de-pessoas-lgbti-em-2022-diz-pesquisa/#:~:text=De%20janeiro%20a%20junho%20de,ao%20Dia%20do%20Orgulho%20LGBTI>. Acesso em: 23 de nov. 2022.



que influenciam a forma como as pessoas são tratadas na sociedade (CRENSHWAW, 1989).

A partir do conceito de interseccionalidade, torna-se possível estudar e analisar o processo de envelhecimento para a comunidade LGBTQIAP+, mais especificamente para pessoas trans. Isso se dá pelo fato de que tanto o envelhecimento quanto o gênero são marcadores de subordinação que coexistem. E, dado ao fato de que a pirâmide etária no Brasil está em um processo de inversão (CÉZAR, 2018), é importante pensar que a velhice de pessoas trans também é um ponto importante de debate na sociedade, principalmente para pensar em políticas públicas eficientes que possam fazer com que essas pessoas consigam passar por esse processo com menos dificuldades.

Lima (2019) afirma que a perspectiva utilizada para o estudo da velhice desse grupo ainda é muito heteronormativa, e, que os estudos que existem nessa área ainda estão em uma fase inicial. E isso é notório partindo do pressuposto de que são raros os estudos existentes sobre o envelhecimento de pessoas trans. Henning (2017) fala que essa área ainda possui estudos um tanto quanto tímidos, mesmo que o estudo do envelhecimento de homens gays tenha se iniciado em meados da década 1960.

É importante destacar que “o envelhecimento não ocorre da mesma forma para todos os grupos sociais” (LIMA, 2019, p. 52). E, a partir de Henning, é possível complementar esse destaque ao falar que:

alguns pesquisadores afirmam que a questão, de fato, não estaria determinada pela “orientação sexual” ou a identidade de gênero em si, mas o que influiria em processos de diferenciação entre envelhecimentos muitas vezes diria respeito às experiências de preconceitos, discriminação e violências experimentadas cumulativamente ao longo da vida a partir de identidades sexuais e de gênero tidas como desviantes. (HENNING, 2017, p. 291-292)



Siqueira (2004), fala que as travestis envelhecem, porém, nem todas possuem a sorte de chegar à velhice. Siqueira também aponta em sua pesquisa que as travestis tendem a voltar-se para a esfera de casa, para terem uma velhice mais calma, tendo mais tempo para participar de atividades do meio político e de militância.

Para as interlocutoras desta pesquisa, o processo envelhecimento como um todo é algo natural, que ocorre com todos. Ariel aponta que,

A gente tem um tempo de vida aqui nesse mundo físico e que é um processo natural. É algo que eu vejo de forma muito mais, como eu diria, eu não tenho uma visão muito romântica do envelhecimento, como as pessoas tendem a olhar muito como envelhecer, amadurecer é aquela coisa. Eu sou mais realista e vejo que é um processo natural, que todos nós vamos passar por ele e que a gente tem que tentar de alguma forma colher o melhor disso tudo. [...] E vejo também como uma fase normal da vida que não deve ser desperdiçada e sim vivida. E eu quero envelhecer, vivendo e curtindo o máximo que eu puder, porque não é porque eu vou estar velha que eu vou deixar de fazer as coisas que me dão prazer, que me deixam feliz. Então acho que o envelhecimento é isso, é um processo natural e que tem que ser também bem aproveitado (ARIEL, 23 anos).

Na perspectiva dela, o envelhecimento é como um momento de aproveitar e colher os frutos. Ligada à perspectiva financeira, ela consegue antever na velhice a possibilidade de aproveitar os benefícios financeiros do tempo de trabalho. Já Nereida não gosta de pensar no futuro, e o envelhecimento para ela é um processo que ela não gosta de pensar muito, porque ela sabe o quanto a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é baixa.

Eu faço acompanhamento, e a gente tinha contato com outras meninas mais velhas, né? E a gente vê elas com a idade um pouco mais alta, elas falando como que era a vida delas. E dá um certo medo, sabe? De falar, gente, o meu destino também



é ser igual o delas, passar por tudo que elas passaram e que não é legal. (NEREIDA, 25 anos).

Nereida, por outro lado, a partir das vivências com outras mulheres trans e travestis mais velhas tem uma perspectiva mais pessimista do envelhecimento. Ela reconhece que as experiências das outras mulheres não foi positiva e tem receio que o seu destino também esteja traçado assim. O futuro, pra ela, é algo distante e fora do seu repertório de interpretação, o que decorre inclusive da ausência de mulheres trans com mais idade, já que expectativa de vida no Brasil para esse grupo é de 35 anos.

A partir da pergunta a respeito da velhice para mulheres trans em específico, foi possível perceber que um sentido comum entre as três interlocutoras era o do medo. Todas têm medo por não saber se o futuro que as espera será longínquo ou não.

Aí mais por mim mesma. Eu morro de medo de envelhecer, de chegar nessa tal idade, em tal idade, porque aqui no Brasil, já levando para questões trans, parece que a gente tem uma data limite a ser vivida, sabe? Parece que a gente já tem um ponto final ali. (IARA, 23 anos).

Então eu vejo que, pensando nas mulheres trans de uma forma geral, eu acho que o envelhecimento para muitas mulheres trans é algo muito desafiador. E eu falo desafiador porque quando a gente pensa isso, falando novamente no Brasil que é um país onde a expectativa de vida de pessoas como eu é de até 35 anos, é uma idade muito pequena. Então é algo que eu vejo como meio decepcionante para muitas mulheres trans pensar na velhice. E eu vejo que nem é nem tanto pelo fato de envelhecer, mas de pensar: será que eu vou chegar até lá? Será que eu vou passar dos 50? Porque se tá difícil pra gente passar dos 30, imagina se pensar em passar de 50 anos? (ARIEL, 23 anos).



Pela perspectiva das entrevistadas o futuro e o envelhecimento são rodeados de incertezas. Por um lado, a expectativa de vida é baixa, por outro lado a insegurança física, os desafios para conseguir trabalhar, os problemas de aceitação da família são todos fatores que pesam quando elas se referem ao futuro e ao envelhecimento. Nereida levanta o fato das mulheres trans e travestis que chegam na velhice sem perspectiva de vida pois foram profissionais do sexo por muito tempo e, ao envelhecer, não tem como ganhar dinheiro:

Acho que o envelhecimento da população é bem precário no Brasil e quando elas conseguem chegar vivas a idade mais velha. A gente vê que infelizmente muita gente já teve que recorrer a certas coisas, por exemplo, para conseguir sobreviver, para conseguir ganhar dinheiro, ter que colocar industrial no corpo pra conseguir trabalhar. E chega lá na velhice elas têm muitos problemas por causa disso [...], chega na velhice, às vezes não tem uma profissão. E aí acaba caindo naquele outro problema que a gente que tem o contato com as meninas de lá do projeto que eu faço parte falam que caíram no mundo das drogas, que tiveram que fazer coisas que não se orgulham. E eu fico. Eu estudo. Eu quero uma profissão, mas não sei se no futuro terei outro emprego. Como que vai ser? Como que eu vou envelhecer? Como vai ser o meu futuro ou ter uma casa, se vou casar e ter filhos, como vai ser? (NEREIDA, 25 anos).

Nereida também coloca em questão do adoecimento como resultado dos procedimentos estéticos – como o uso de silicone industrial. Isto é, no envelhecimento essas mulheres também vão ter que lidar com as questões relacionadas à debilidade da saúde em decorrência do uso de silicone, dos hormônios e da ausência de políticas públicas de saúde voltadas para essa população.



## **(In)Conclusões**

Ainda hoje, a realidade da comunidade LGBTQIAP+ no Brasil é um tanto quanto difícil. O país é ainda o que mais mata pessoas desse grupo no mundo, de acordo com os dados dispostos neste trabalho trazidos pelo Dossiê do ANTRA, divulgado no ano de 2023. E ainda mais, é o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo. A prática do preconceito está embutida em muitos discursos presentes no dia a dia da sociedade brasileira.

Esse trabalho teve como principal objetivo compreender a visão de jovens mulheres trans sobre o envelhecimento a partir de suas identificações corporais, e a importância desse processo para suas vidas. Embora o envelhecimento seja uma condição atrelada a todos os corpos, ela é vivida e percebida de maneiras distintas pelas pessoas.

Para as mulheres trans a velhice é antes de tudo um objetivo, já que a expectativa de vida desse grupo no Brasil é de 35 anos, quanto motivo de incerteza. Essas incertezas decorrem da marginalização das mulheres trans na sociedade, no que diz respeito ao trabalho, à discriminação no seio familiar, a violência física e simbólica, as intervenções estéticas para deixar o corpo mais feminino.

No trabalho, as três entrevistadas têm medo do que as esperam no futuro, principalmente quando elas refletem sobre a expectativa da sua comunidade no Brasil. Além disso, todas relatam o preconceito que viveram durante suas vidas, desde dentro da própria família, e fora de suas casas.

Outro ponto muito importante é que elas reconhecem a educação como uma possibilidade de mudar a realidade de trabalho com o sexo comum ao grupo e apontam o privilégio que elas têm de poder, profissionalmente, conseguir trilhar uma carreira profissional. Ao mesmo tempo, elas possuem receio de não conseguirem oportunidades de atuarem no mercado de trabalho por serem



mulheres trans. Isto é, após o fim da graduação elas ainda vão lidar com o desafio de encontrar postos de trabalho nas suas respectivas áreas.

Inegavelmente a família é um ponto importante, para todas as entrevistadas, em algum aspecto. Seja pelo apoio, ou pela imagem que tem sobre o envelhecimento e o que querem para o futuro delas. E essa não é uma realidade de muitas no Brasil, muitas são expulsas de casa quando se reconhecem como mulheres.

## Referências Bibliográficas

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2012.

\_\_\_\_\_. **Transfeminicídio:** Violência de gênero e o gênero da violência. In: COLLING, Leandro. Dissidências sexuais e de gênero. Salvador: EDUFBA, 2016.

\_\_\_\_\_. **Transexuais, corpos e próteses.** Estudos feministas. Labrys, nº 4, ago./dez. 2003. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys4/textos/berenice1.htm>. Acesso em: 05 set. 2022.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo:** Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1970.

BRASIL. **Estatuto da Juventude.** Constituição Federal. Brasília: 2013. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm). Acesso em: 15 de ago. de 2022.

BRASIL. **Estatuto da Pessoa Idosa.** Constituição Federal. Brasília: 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm). Acesso em: 16 de jan. de 2023.



BRASIL teve 135 mortes de pessoas LGBTI em 2022, diz pesquisa. **PODER 360**, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-teve-135-mortes-de-pessoas-lgbti-em-2022-diz-pesquisa/#:~:text=De%20janeiro%20a%20junho%20de,ao%20Dia%20do%20Orgulho%20LGBTI>. Acesso em: 04 de set. de 2022.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÉZAR, Adriane G. A. do N. **TRABALHO, APOSENTADORIA E ENVELHECIMENTO**: entre os caminhos da (in)segurança social e das (in)certezas pessoais. Um estudo com docentes da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018.

COLLING, L.; SOUSA, A. N.; SENA, F. S. Enviadescer para produzir interseccionalidades. In: OLIVEIRA, J. M.; AM NCIO, L. (Org.). **Gêneros e sexualidades: interseções e tangentes**. Lisboa: Maiadouro, 2017. p. 193-215.

CRENSHAW, K. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: a Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, p. 139-167. 1989.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Dualismos em duelo**. *Cad. Pagu* [online]. 2002, n.17-18, pp.9-79.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso** - reflexões introdutórias. 3. ed. São Carlos: Claraluz, 2008. v. 1. 128 p.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade 1**: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1999.



GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira.** Revista Contemporânea. Ed.18, v. 9, n. 2, 2011, p. 77-85.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós - modernidade/** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75, 1996.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In. SILVA, Tomaz. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008. cap.3, p.103-133.

HENNING, Carlos E. **GERONTOLOGIA LGBT: VELHICE, GÊNERO, SEXUALIDADE E A CONSTITUIÇÃO DOS "IDOSOS LGBT".** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 283-323, 2017.

JESUS, Jaqueline G. **Orientações sobre a população transgênero:** conceitos e termos: guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília: Autor, 2012. Disponível em: [https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_SOBRE\\_IDENTIDADE\\_DE\\_G%C3%8ANERO\\_CONCEITOS\\_E\\_TERMOS\\_2%C2%AA\\_Edi%C3%A7%C3%A3o.pdf?1355331649](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_SOBRE_IDENTIDADE_DE_G%C3%8ANERO_CONCEITOS_E_TERMOS_2%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o.pdf?1355331649). Acesso em: 10 ago. 2022.

LE BRETON, D. **Paixões Ordinárias.** Petrópolis: Vozes, 2009.

LEITE JÚNIOR, Franciso Francinete. **Sob as marcas do tempo:** (Trans)Envelhecimento na (Trans)Contemporaneidade. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.



LIMA, Ana Paola de S. **Nossos corpos não são mais os mesmos**: Narrativas de mulheres trans e travestis sobre o processo de envelhecimento. 2019. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho** – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MELITO, Leandro. **Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo**: Segurança pública no país continua a ignorar questões de gênero e 11 estados brasileiros não têm dados sobre LGTBI+fobia. São Paulo, 23 jan. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em: 09 de ago. de 2022.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012

PISCITELLI, Adriana. “Recriando a (categoria) mulher?”. In: ALGRANTI, L. (org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, no 48. Campinas, IFCH-Unicamp, 2002, p. 7-42.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloísa. B.; SZWAKO, José E. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis&Vertecchia, 2009.

RUBIN, Gayle. **Pensando sobre sexo**: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. Cadernos Pagu, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88, 2003.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e



Realidade, vol. 16, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SIQUEIRA, Monica Soares. **Sou senhora:** um estudo antropológico sobre travestis na velhice. 148f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de PósGraduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2004.

THOMPSON, John Brookshire. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TORRÃO FILHO, Amílcar. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam.** *Cad. Pagu* [online]. 2005, n.24, pp.127-152.

VILLAÇA, Nizia. **O Consumo da Cultura:** Comunicação e Performance. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.